

OJÙ OYÀ (Os olhos de Oyá)

Gleiciele Mendes¹

“Oyá é a força, pois até os mais fracos dos ventos tem poder
É a brisa que acalma a quem respeita
E é o temporal que desestrutura quem não tem o mesmo.
É brisa, vento, ventania, temporal e assim vai, ela é o que
quiser.
Vento ninguém prende, apenas deixa passar.
Minha mãe carnal é uma mulher de Oyá, eu não conheço
mulher mais forte e guerreira que a minha mãe.
Então a essa grande mulher peço a benção.”

Autor desconhecido.

303

Considero minhas vivências em Artes do Corpo como instrumento que me ofereceu oportunidades de desenvolvimento pessoal e interpessoal, que contribuíram diretamente na minha constituição de trabalhos e processos artísticos. Digo isso porque pude ressignificar algumas memórias que, durante determinados anos, não conseguia acessar por me causarem dores.

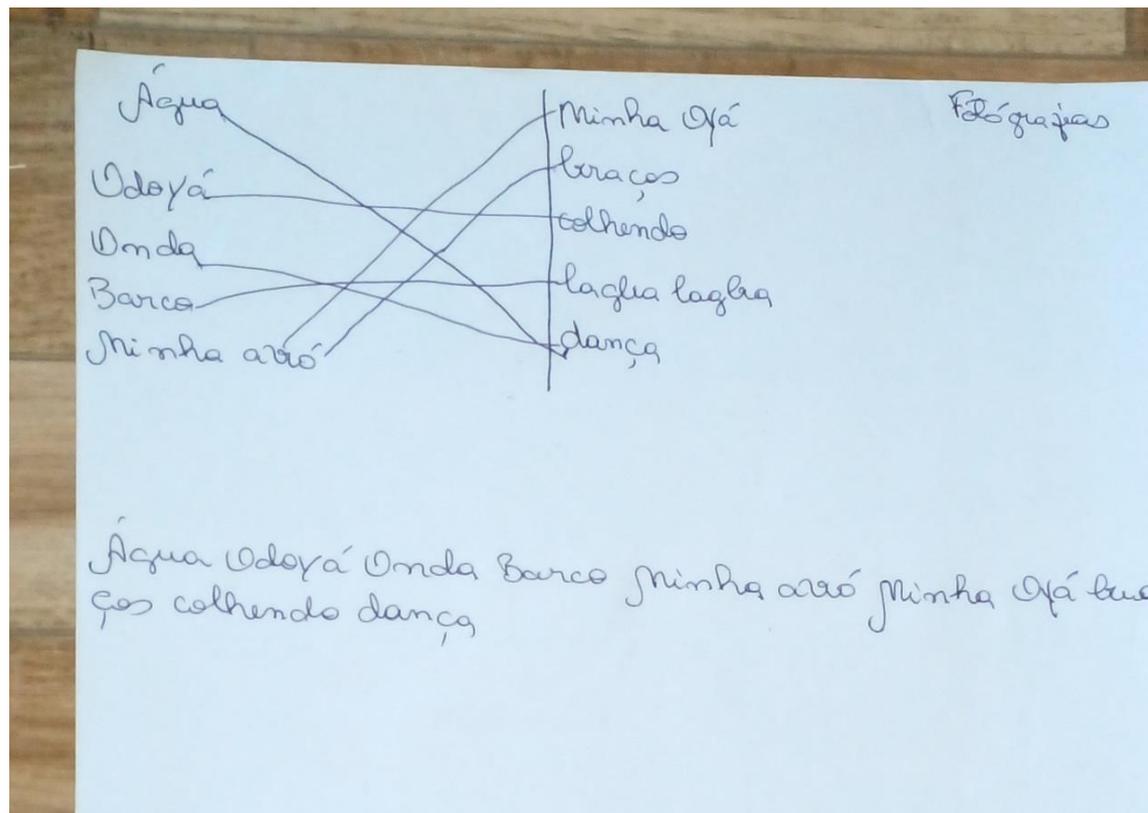
Através das atividades proporcionadas, adquiri experiências que ampliaram ainda mais meus conhecimentos. No contexto das atividades aplicadas, me identifiquei muito com o ato de cartografar, seguido da expressão artística corporal, práticas de meditação, com referências em Butoh, para além de conhecer grandes artistas como Ana Cristina Colla, atriz e pesquisadora do LUME (Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais UNICAMP), autora de diversos livros, dentre eles *Da Minha Janela Vejo*, de 2006, no qual ela aborda sua trajetória pessoal de pesquisa no

¹ *Ajoiê kolobá* (Ilê Axé Ojú Onire), pesquisadora com ênfase em fotografia, estética negra e poder. Produtora, atriz, performer, florista, responsável por ornamentações em espaços religiosos e externos. Graduada no curso Bacharelado interdisciplinar em cultura Linguagens e Tecnologias Aplicadas (UFRB).

LUME. Com essas referências e com a minha vivência busquei caminhos para desbravar meus processos cartográficos e subjetivos.

O ponto sacro da cartografia é conseguir identificar quais são as suas formas de operação, ou seja, como ela se desenvolve na caminhada. Dentro desses processos, obtive reflexos de imagens como se estivesse virando minhas memórias do avesso para ver o interior. Elas, muitas das vezes, estavam ocultas. Sendo assim, tive a possibilidade de restabelecer o cuidado de olhar, como um processo de garimpar o que está na superfície, sem passar despercebida a influência de muitos meios e pessoas, lugares onde vivi e de minha cultura. Na medida em que vamos vivenciando, abrindo os caminhos e ideias, conseguimos trazer algo que está mais próximo do nosso eu, que transcende a cultura e transcende a ancestralidade.

304



Exercício cartográfico 2 – Aulas de Artes do corpo

Hoje entendo artista como todo aquele que acessa seu potencial criativo para realizar o que lhe faz arte o que lhe faz bem. Neste desaguar em Artes do corpo, obtive a aceitação do ser artista e me conheci produtora de Arte. Meu corpo é arte, ele dança ancestralidade.

Como legítima filha das águas, regida por Yá Ogunté, tenho sempre o mar como referência, quando encontrei Ogunté renasci pro orixá e pra vida. Nascida do ventre de uma mulher de oyá, sempre busquei forças nessas mulheres que vieram antes de mim e que compõem meu ser natural.



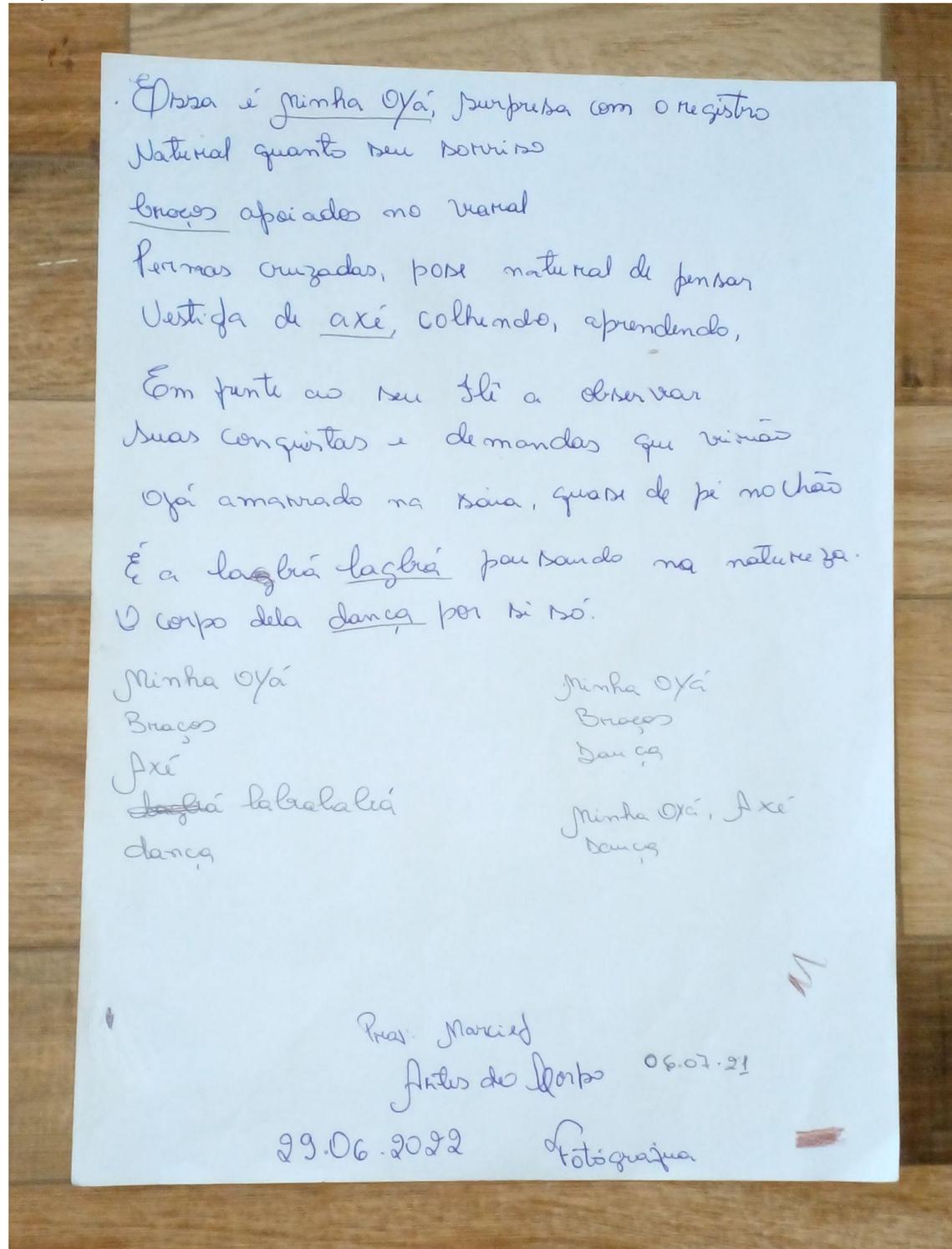
305

Foto: acervo pessoal

“Eu nasci e me criei no colo das ayabás”

Como legítima filha das águas, me identifico muito com o mar. Eu o sinto, assim como sinto Iemanjá. Se cheguei até aqui, foi porque ela não desistiu de mim. Eu não ando só, pois sou guardada, protegida e vigiada pelo olhar sagrado de minha mãe Ogunté. Mergulhando de cabeça nesse mar de fé, nado na esperança de ressignificar minha trajetória.

306



Exercício cartográfico 3 – Disciplina Artes do corpo

307



Apresentação performática “OJÙ OYÀ”, Gleicielle Mendes, Santo Amaro 2021. Foto Acervo Pessoal

Na busca da prática do autocuidado e autoamor e na tentativa de me encontrar, percebi o reflexo do racismo perverso. Através desta percepção, pude fazer um resgate das lembranças do passado, porque é necessário mexer nas feridas passadas que se fazem tão presentes, para que se possa entender até que ponto o racismo nos toca.

Há alguns anos, no período do ensino médio, sofri com codinomes pejorativos vindos de alguns estudantes que reproduziam racismo religioso e gordofobia, após realizar uma apresentação de dança caracterizada de orixá, desde então busquei práticas para reviver este momento de forma diferente, rompendo com as frustrações.

Neste meu despertar cartográfico decidi buscar conhecimentos e práticas para que eu pudesse realizar este momento de forma singular, apresentando minha dança religiosa, junto com minhas referências familiares ancestrais, até porque aprendi a dançar com eles, sendo assim, posso expressar tudo que aprendi de forma positiva.

308

Dentro deste ciclo de conexões, imersa na criação deste sentimento, participei de uma residência artística no Centro cultural Casa/Teatro vinculada a universidade (UFRB) com o professor Maciej Rozalski e mais seis estudantes, foi quando nasceu a primeira edição de Xirê performático, que recebeu este nome porque as apresentações eram interligadas umas com as outras de uma forma sintônica. Conseguimos desaguar e reestruturar nossas perspectivas como artistas em que foi possível nos aproximarmos, com segurança, das nossas formas de expressão. Foi quando me senti à vontade para desdobrar aquela dança do ensino médio que se tornara performance a qual intitulei: OJÛ OYÀ (Os olhos de Oyá)

Ressurgiu conhecimentos e resistência para lidar e lutar ainda mais contra as práticas racistas. Como mulher negra e praticante de religião de matriz Africana, conquistei este espaço de expressão com muita luta. Senti o desejo de me reconectar com esse momento passado, da minha infância na escola, e ressignificar esse momento de violência como uma afirmação identitária e de autoconhecimento. Não me sentindo limitada a expressar o que adquiri no decorrer da minha formação de vida, sigo os passos de minha mãe e de minha avó.

309



Uma das vivências cartográficas do corpo sensível com os participantes do grupo de pesquisa “Dramaturgias em trânsito” - Fonte: acervo pessoal

Workshop

Presencial das práticas e presença do corpo para artes cênicas

OJÚ OYÁ

"...Descobri que só sei falar do que é meu. Daquilo que me perpassou. Talvez por isso guarde tanta coisa, para não correr o risco de ficar muda. Tenho medo vazio, de nele me perder, por isso o busco e dele fujo." _ Ana Cristina Colla

"Está performance em transito é um processo de resgate das minhas memórias, despertado no meu desenvolvimento cartográfico, para além disso, é um processo de afirmação territorial. Nasci do ventre de uma filha de Oyá, neste Orixá busco sempre confiança e discernimento."

GLEICE MENDES

(Discente do Bacharelado Interdisciplinar em Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas-UFRB).

Lome TEATRO

UFBR Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

CECULT UFRB Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas

CASA TEATRO Espaço Cultural Arte, cultura e ecologia em um só espaço

DRAMA TURGIAS EM TRÂNSITO

310

Divulgação: acervo pessoal